

Da casa do pai à do marido: mulher e espaço social em Carolina Nabuco

MARCELO MEDEIROS DA SILVA*

RESUMO: Alicerçada nos eixos do resgate e da revisão, a crítica literária de cunho feminista empreendeu uma fascinante odisseia: o trabalho arqueológico de dar visibilidade a escritoras e obras que passaram a passos largos em nossa história literária. Conseqüentemente, o estudo de um *corpus* deslegitimado de obras do século XIX e primeiras décadas do século XX reveste-se, atualmente, de um outro aspecto: garantir que autoras e obras possam ser (re)lidas, ou seja, pela primeira vez, objeto de leitura. Inserindo-se, portanto, no rol de trabalhos voltados para a construção de uma memória feminina em nossas Letras, o presente estudo procura refletir sobre a presença feminina no romance *Chama e cinzas* (1979) da escritora fluminense Carolina Nabuco, uma das muitas escritoras esquecidas em nossa historiografia literária.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Nabuco; *Chama e cinzas*; Condição Feminina; Crítica Feminista; Literatura; Mulher.

ABSTRACT: Through reclamation and revisionism, Feminist literary criticism has always fascinatingly dug up writers and works overlooked by our literary history. Consequently, the study of de-legitimized works from the nineteenth and the first decades of the twentieth century ensures that texts by female authors can be (re)read. That said, the present essay looks into the female presence in the novel *Chama e cinzas* (1979) by Rio de Janeiro writer Carolina Nabuco, one of the many forgotten women writers in our literary historiography, in order to add to the studies aimed at creating a female memory in our literary criticism.

KEYWORDS: Carolina Nabuco; *Chama e cinzas*; Female Condition; Feminist Criticism; Literature; Woman.

* Departamento de Letras – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/campus VI – CCHE – 58429-500 – Campina Grande – PB – Brasil. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

Introdução

Durante muito tempo, escrita e saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentassem ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. Mesmo assim, o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar determinadas vozes, principalmente de algumas mulheres que não estavam contentes em serem rotuladas de o segundo sexo e que, por isso, se negaram à subordinação.

Por causa, dentre outros fatores, das tentativas de subversão à ordem do pai, a integração de mulheres/escritoras ao universo da escrita foi marcada por uma trajetória bastante dolorosa, principalmente porque escrita e saber, além de serem usados como forma de dominação, “ao despreverem modos de socialização, papéis sociais e até mesmo sentimentos esperados em determinadas situações” (TELLES, 2002, p. 402), eram tidas como ferramentas exclusivas do espaço masculino. Por isso, durante muito tempo, foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação.

Dentro do cenário literário, a escrita produzida por mulheres teve – e continua tendo – de conviver com uma política de ocultamento que trouxe consequências quase que irreparáveis. Muitas foram as mulheres que, embora com a pena em riste, não puderam se expressar e tiveram sua obra, sua intelectualidade assujeitadas ao Outro, o sujeito masculino. Por isso, persiste a necessidade de estudos que possam, segundo Schneider (2000), reconstruir a história literária produzida por mulheres, pondo em evidência o percurso, as dificuldades, os temores, as estratégias para romper o confinamento em que viviam e, ao mesmo tempo, promover a revalorização dessa literatura que no passado não recebeu a devida atenção.

Nesse sentido, é preciso estudar os textos não canônicos para que a história das mulheres e a de sua produção literária possam ser reconstruídas, o que pode transformar a visão tradicional da própria história literária a fim de que esta passe a levar em conta a produção literária de mulheres que, em meio às pressões de uma sociedade patriarcal, ousaram fazer da pena bandeira de luta, ainda que tenham, em seus escritos, registrado ou até mesmo sucumbido aos preconceitos dessa sociedade.

Nessa empresa, ao nos debruçarmos sobre a produção literária de Carolina Nabuco¹ (cf.

¹ Romancista, memorialista, biógrafa e mulher de grande cultura, Maria Carolina Nabuco de Araújo nasceu em 1890 e faleceu em 1981 (COELHO, 2002). Filha de D. Evelina Torres Ribeiro Nabuco e de Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, escritor e deputado do Império, a cujo nome sempre esteve atrelada como se fosse uma sombra do próprio pai, Carolina Nabuco, segundo Schumacher e Brazil (2000), consagrou-se por possuir um estilo simples e erudito, rico e profundo em conteúdo. Após o lançamento de *A vida de Joaquim Nabuco*, que foi, à época, um êxito de livraria, vieram somar a essa pobre “bagagem literária”, palavras de Carolina Nabuco, outros livros que não biografias, como os dois únicos romances que escreveu: *A sucessora* (1934) e *Chama e cinzas* (1947). Simultaneamente à composição de seu segundo romance, Carolina Nabuco desviou-se um pouco e escreveu um livro de instrução religiosa, *Catecismo historiado – doutrina cristã para primeira comunhão* (1940), e mais duas biografias: *A vida de Virgílio de Melo Franco* (1962) e *Santa Catarina de Sena* (1957). Enquanto escrevia essas biografias, Carolina Nabuco, não abandonando inteiramente a ficção, escreveu uma história e outra que foram reunidas no livro *O ladrão de guarda-chuvas e outras dez histórias* (1969). Um outro livro escrito por ela foi *Retrato dos Estados Unidos à luz de sua Literatura* (1967). Ainda tendo os Estados Unidos como pano de fundo,

SILVA, 2007a; SILVA, 2007b), esperamos estar contribuindo com os estudos que objetivam dar visibilidade às numerosas autoras que não figuraram nas histórias literárias brasileiras da época nem nas posteriores e, assim, trazer à tona uma memória literária feminina na literatura brasileira que vem sendo negligenciada ao longo dos séculos. O regaste de produções femininas é importante porque, por um lado, permite-nos a recuperação de uma identidade feminina há muito silenciada e, por outro lado, permite:

o desenvolvimento de uma arqueologia literária que resgatasse os trabalhos das mulheres, que de diversas formas foram silenciados ou excluídos da história da literatura. Neste sentido, engaja-se no trabalho de recuperação de uma “identidade feminina” que aponte para as diversas formas de sua experiência, rejeitando, enfaticamente, a repetição e reprodução dos pressupostos mitológicos da crítica literária tradicional, que, via de regra, identifica a escrita feminina com a “sensibilidade contemplativa”, a “linguagem imaginativa” etc., bem como as diversas formas como a biologia, a linguística e a psicanálise vêm definindo a especificidade da linguagem feminina (HOLLANDA, 1994, p. 03).

De acordo com Carvalho (2001), resgatar textos de escritoras, produzidos em períodos anteriores aos movimentos sociais da década de 60 do século passado, é, dentre outros aspectos, uma rara oportunidade de trazer a lume a produção intelectual de todo um grupo social marginalizado pela cultura patriarcal hegemônica para a qual as mulheres, não sendo capazes de construir e elaborar aspectos de nosso imaginário social, já que estas eram uma tarefa masculina, deveriam preocupar-se apenas com as prendas domésticas, visto que o lar era, sobretudo, o espaço de confinamento para muitas mulheres que eram incorporadas e consolidadas ao marido ou ao pai.

Na empresa de resgate de textos de autoria feminina e de construção de uma memória literária feminina brasileira, aliás, essa tem sido, de acordo com Funck, “a área melhor explorada e de resultados mais marcantes na crítica feminista atual no Brasil” (FUNCK, 1994, p. 22), este artigo procura estudar a presença feminina no romance *Chama e cinzas*² (1947), da escritora fluminense Carolina Nabuco.

Do espaço (e) da mulher em Chama e cinzas

Na discussão entre o público e o privado, parece-nos que as abordagens caminharam para uma supervalorização do primeiro em detrimento do segundo. Uma vez que, ao longo da história, a mulher havia sido encarcerada na esfera privada,urgia que ela saísse do posto de rainha do lar e alcançasse espaços onde pudesse exercer outras funções que não apenas as das prendas domésticas. Avultaram, então, estudos sobre as mulheres do espaço público, como

Carolina Nabuco escreveu, anos antes, um livro de viagens: *Visão dos Estados Unidos* (1953). Além de ficção, biografia e crítica literária, integram o acervo de Carolina Nabuco mais dois outros livros: *Oito décadas* (1973) e *Meu livro de cozinha* (1977). Este um livro que reúne várias receitas; aquele, suas memórias, espécie de testamento literário da autora.

² Embora a primeira edição deste romance seja de 1947, utilizaremos neste trabalho a edição de 1979.

as jornalistas, as políticas, as escritoras. Neste caso, procurando dar visibilidade às mulheres, muitos estudos deixaram de lado aquelas mulheres que, restritas à esfera doméstica, já eram invisíveis: as donas de casa.

Como decorrência disso, deixaram de ser produzidos estudos sobre as “dona de casa”, ou, pelo menos, rarearam os trabalhos que se preocupassem com esse tipo de mulher. Isso, talvez, seja decorrente do fato de que, durante muito tempo, o privado ficou à margem dos trabalhos produzidos por estudiosos das mais diversas áreas. Esse quadro, entretanto, começou a alterar-se quando o privado deixou de ser “uma zona maldita, proibida e obscura: o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida, enfim reconhecido, visitado e legitimado” (PERROT, 2006, p. 09).

A consideração crescente pela vida privada, familiar ou pessoal contribuiu, portanto, para o surgimento de trabalhos que procurassem, a partir da esfera privada, tida como prisão para muitas mulheres, estudar como o feminino se manifestava nesse local: submetendo-se às injunções de uma sociedade de base patriarcal ou buscando formas de ir de encontro a todo um aparato ideológico fomentado por essa mesma sociedade. Tanto num quanto noutro caso, verificou-se, em muitos casos, que as mulheres viveram, durante muito tempo, numa espécie de letargia que as impedia de criar, nomear-se, nomear as coisas e ser, sobretudo, procriadoras de seus próprios discursos, textos e pensamentos. Tudo isso para que o domínio masculino sobre o feminino permanecesse como algo imutável e natural, impedindo, assim, que as mulheres construíssem novos valores sociais, nova moral e nova cultura.

Dentro dessa ideologia, que toma(va) o masculino como ponto de referência, as mulheres foram obrigadas a silenciarem-se e a assumirem como valores femininos outras marcas: a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas, aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se, calar-se (PERROT, 2005). Destinadas à obscuridade da reprodução ou postas fora do tempo ou dos acontecimentos, as mulheres foram, portanto, esquecidas, silenciadas ao longo da História. Neste sentido, o silêncio, sendo o Verbo Deus e, portanto, Homem, era o comum das mulheres: “o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento” (PERROT, 2005, p. 09).

Se o silêncio foi, então, a marca de muitas mulheres, é preciso, agora, que “grande parte da revisão da produção cultural e literária das mulheres vem sendo feita a partir de perspectivas que buscam enfocar [...] diferentes construções identitárias ou que, no mínimo, não desconsideram sua importância em geral, e, especialmente, dos sujeitos femininos dentro delas” (ARAÚJO; SCHNEIDER, 2006, p. 123), que demos voz a esse silêncio e passemos a ouvir, pelo menos, os seus sussurros, o que pode, a nosso ver, ajudar na reescrita da própria história das mulheres e contribuir na escrita de uma memória feminina que foi tecida, muitas vezes, de silêncios e para o silêncio.

Sendo assim, não podemos deixar de lado a esfera privada, já que ela foi, durante séculos, um espaço ao qual estiveram ligadas muitas mulheres. É preciso, portanto, voltar-se para essa esfera, entendê-la por uma óptica que esteja despida de ideias pré-concebidas, pois, se as mulheres em geral foram, paulatinamente, margeadas, as que ocupam o espaço privado,

e muitas dizem gostar dele, cabe-nos, portanto, entender essa opção, são, duplamente, margeadas: primeiro, por serem mulheres; segundo, por exercerem as funções de dona de casa.

No entanto, nunca se pensou, como afirma Woolf (2004), que ser mulher dona de casa é exercer uma função social que não goza de prestígio elevado na sociedade. Ser dona de casa traz para as mulheres as marcas de uma angústia que é resultado do fato de saber que esta sua função é importante, mas que, por outro lado, é tida como atividade menor, menos positiva, ociosa. Apesar disso, quando muitas mulheres começaram a penetrar no terreno da escrita, foi justamente o espaço privado, onde permaneceram fechadas dentro de casas e sobrados, mocambos e senzalas, construídos por seus pais, maridos, senhores, que emergiu, em suas prosas, como cenário por onde desfilavam mulheres igualmente confinadas no mundo interior da família e mantidas sob o jugo patriarcal. Sendo assim, voltadas para o espaço doméstico, o privado, as mulheres, ao construírem o seu universo ficcional, deram prioridades aos laços familiares:

Estes laços, protetores e constrictivos, são, frequentemente, elementos estruturantes dos conflitos narrados. A família é, de fato, um tema que se impõe àqueles(as) que se interessam pela problemática feminina, seja ela abordada pelos mais diferentes campos do saber (XAVIER, 1998, p. 13).

A priorização das relações familiares nos escritos de algumas de nossas primeiras escritoras deve-se também ao fato de que às mulheres era permitido escrever desde que os seus escritos não ferissem “a moral e os bons costumes”, daí serem recorrentes na produção delas temas sobre o amor, o cotidiano familiar, ou seja, temas que, sob a “esfera perfumada de sentimento e singeleza”, não abordassem nada mais além do amor e flores. Caso fossem além e passassem a versar sobre assuntos sociais, políticos ou revolucionários, essas escritoras estavam transgredindo, já que estes eram assuntos da esfera pública, ou seja, assuntos de homem.

Todavia, escrevendo sobre aquilo de que estavam mais próximas, as mulheres iam, paulatinamente, adentrando no universo da escrita, *dominus* masculino, mesmo que seus escritos fossem marginalizados ou desvalorizados, visto que versavam sobre atividades femininas que traziam em si as marcas que deveriam ser ocultadas: a desvalorização e a marginalização femininas. Para corroborar essa nossa fala, Perrot afirma o seguinte:

O uso [da escrita], essencial, repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação – o jornalismo por exemplo – e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar (PERROT, 2005, p. 13).

Assim, não nos causa estranheza o fato de que, vivendo, durante muito tempo em espaços desenhados e planejados pela arquitetura masculina, as mulheres escolhessem justamente esses espaços para falarem, dizerem quem eram, são e foram. Como exemplo

disso, podemos citar o romance *Chama e cinzas* (1947) da escritora fluminense Carolina Nabuco. Escrito treze anos após a publicação de seu primeiro romance, *A sucessora* (1934), num estilo objetivo, com uma linguagem próxima à da crônica jornalística, *Chama e cinzas* é um romance que narra o cotidiano de mulheres presas à esfera do lar e preocupadas em resolver, à sua maneira, os problemas presentes nessa esfera privada, ou seja, no espaço privilegiado para a realização de seus talentos e execução de sua carreira profissional: as lides domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família.

Este romance, talvez, tenha sido, para a sua autora, o mais difícil de ter sido escrito, porque lhe faltava substância: “Fui reunindo fragmentos de diálogos e títulos de capítulos, mas essas notas não passavam de lascas espalhadas. Lutava com uma grande falta de detalhes” (NABUCO, 2000, p. 142). Em *Oito décadas*, livro de memórias que compõe a bagagem literária de Carolina Nabuco, ela registra, da seguinte forma, a maneira como havia trabalhado na elaboração de *Chama e cinzas*:

Estou tecendo o enredo do meu futuro romance ainda sem título. O primeiro personagem que ideei e ao qual já estou me afeiçoando é o de um banqueiro e homem de negócios de meia-idade. Sua vida financeira e industrial está me saindo parecida com a do barão de Mauá e a de Percival Farquhar, o arrojado americano que conheci lutando em vão junto do governo Bernardes para, com os milhões americanos de que dispunha, estabelecer a indústria metalúrgica que engrandeceria o Brasil. Não deixarei meu personagem, o Rabelo, lutar em vão.

Há muito tempo que elaborei o ambiente de família que aparece na primeira parte e que tracei o arcabouço dos últimos capítulos, cujo eixo é a ida forçada de Nica ao banquete, deixando o marido moribundo.

Estes pontos não constituem ainda enredo. Quero uma rivalidade de amor entre as duas irmãs, mas os personagens masculinos ainda estão obscuros. Fiz pelo menos doze esquemas de enredo, para fixar os personagens Fernando e Evaristo. Enveredei por vários caminhos falsos, rasgando muitas páginas. Li a mamãe o rascunho. Li-o depois a João de Azevedo Macedo, operado da vista, a quem fui fazer companhia várias tardes. Recebi dele algumas sugestões, outras de Mariana, que bateu duas cópias na máquina, outras de Jim Chermont, que foi o primeiro leitor do original já mais ou menos terminado, todas as sugestões foram ótimas (NABUCO, 2000, p. 143).

Chama e cinzas, a partir do qual, neste artigo, procuraremos pensar em como se configura a representação feminina no espaço privado representado neste romance, pode ser visto, então, como uma longa crônica familiar em que estão registrados as intrigas familiares e os dramas íntimos. Nele está registrado o cotidiano da família Galhardo. Esta é uma família dentro dos moldes patriarcais, ou melhor, dentro do que, reduzindo-se as dimensões da família patriarcal, se “convencionou chamar de família nuclear burguesa, composta apenas do casal e dos filhos” (XAVIER, 1998, p. 113). Álvaro, o pai, é viúvo e tem quatro filhas: Ana, mais conhecida como Nica, Cristina, Iolanda e, a mais nova, Geninha. Todas elas moram na casa do bairro do Flamengo e são responsáveis pela manutenção e ordem dessa casa cujas necessidades são providas por Álvaro, que, antigo diplomata, cargo de que foi destituído após contrair muitas dívidas e não ter podido pagá-las, era descendente de família ilustre do Antigo Império, mas se encontra em decadência e vive de pedir emprestado dinheiro, que,

muitas vezes não paga, ou da renda haurida com o jogo que realiza em sua casa e ao qual vinham muitas pessoas: umas, desconhecidas pela família; outras eram bem próximas, como Nestor Rabelo, um grande banqueiro e velho amigo dos Galhardos.

Os descabros de Álvaro causavam vergonhas a suas filhas, e todas elas tiveram de passar por situações vergonhosas por causa do pai, que dilapidou com o jogo a sua fortuna e a deixada pela falecida esposa:

Geninha devia estar sentindo agora mais ou menos o que ela sentira então. Hoje Geninha chegara a maioridade como filha de Álvaro, como ela, Nica, chegara nesse dia de meirinhos, como Iolanda chegara, um pouco menos cedo talvez, na ocasião da ameaça de um credor insolente. Para Cristina, a mais velha, talvez não houvesse havido um momento preciso que, assim, de repente lhe abrisse os olhos. Depois da morte da mãe, Cristina tomara, ainda colegial, o governo da casa, dessa casa sem orçamento. Logo principiara a descobrir, através de pequenos vexames e da necessidade de fugir das contas dos fornecedores que não podia pagar, a verdadeira situação do pai (NABUCO, 1979, p. 15).

Álvaro, apesar de ser visto como o senhor da casa (aliás, a primeira parte do romance traz como título “a casa de Álvaro”), não consegue cumprir com o papel que lhe é reservado por uma sociedade de base patriarcal, ou seja, ele não consegue cumprir, a contento, com o papel de provedor do lar. Apesar disso e dos apertos econômicos por que passava, era contrário ao fato de suas filhas trabalharem fora do lar:

Álvaro opunha-se a que as meninas trabalhassem. Dizia que lugar de mulher é em casa. Tinha nisso o apoio de tia Chiquinha, a principal representante da família materna, uma tia-avó que não evoluíra com os tempos. Tia Chiquinha dispunha no caso de um argumento melhor que palavras. Viúva rica e sem filhos, era quem dava às meninas uma mesada para vestidos e passeios (NABUCO, 1979, p. 28).

Este fragmento corrobora o que vínhamos dizendo no começo deste texto, ou seja, dentro da ideologia do patriarcalismo, o lugar da mulher é o confinamento no mundo interior da família. Neste sentido, o romance em pauta registra uma época em que, sendo o lugar da mulher em casa, era “desnecessária” a sua entrada no mercado de trabalho, principalmente porque a presença feminina no espaço público era vista como uma possibilidade a que as mulheres queriam ter acesso para poderem conseguir dinheiro a ser gasto com futilidades, comprando vestidos e indo a passeios. O romance em pauta registra, portanto, o quanto era difícil para as mulheres, presas à esfera privada, romperem com ideias que, assim como a tia-avó das meninas Galhardo, “não evoluíram com o tempo”.

Além disso, devemos registrar que essa recusa à participação feminina no espaço público atendia a “um esforço de propagação de um modelo imaginário da família, orientado para a intimidade do lar, onde devem ser cultivadas as virtudes burguesas” (RAGO, 1997, p. 75). Por isso, avultaram vários procedimentos estratégicos masculinos que tentaram impedir a livre circulação das mulheres nos espaços públicos e lançaram, em consonância com todo um discurso moralista e filantrópico, sobre os ombros femininos “o anátema do pecado, o

sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho” (RAGO, 1997, p. 63). Noutras palavras, como a inserção da mulher na vida pública poderia corromper a sua pureza, o trabalho só lhe era permitido em situações excepcionais e de extrema necessidade como nos casos de viuvez ou de falência financeira.

Neste cenário, em que a esfera pública era apresentada como fonte de corrupção da mulher e de desvio do seu destino sagrado: o de mãe, esposa, dona de casa, restava às meninas Galhardo, impedidas de trabalhar no espaço público, assim como a muitas mulheres como elas, apenas circular pelos espaços privados do lar. Aliás, Álvaro, apesar dos descabros econômicos causados à família, não se descuidara da educação de suas filhas e soube educá-las dentro dos princípios dessa ideologia cujo objetivo era prepará-las não para a vida, mas, sim, para exercer a sua função essencial: a carreira doméstica. Sendo assim, integrando uma família do tipo nuclear burguesa, onde as relações de gênero são bem organizadas (XAVIER, 1998), cabia às meninas Galhardo ocupar-se com as lides domésticas, como costura, bordado e a arrumação da casa, ou preocupar-se com a sua própria beleza, atividades que não gozam de prestígio dentro de nossa sociedade, já que são vistas, em sua maioria, como meras futilidades femininas:

Agora um trovão rompeu inopinadamente. O dia antes estivera bonito. Nica prestou pouca atenção à mudança do tempo, ocupada como estava com seus vestidos, com os usados que arrumava e com os futuros que planejava. Achava-se com muito pouca roupa, e queria, precisava ser mais elegante que nunca. Apesar de Fernando falar tanto contra o luxo e futilidade, ela descobrira que, na prática, ele era, pelo contrário, sensível a tudo isso na indumentária feminina (NABUCO, 1979, 70).

Neste caso, o trabalho da mulher deve ser voltado às atividades mais caseiras e sossegadas, tipicamente associadas à mulher. Sendo assim, as filhas de Álvaro têm, então, de cumprir esse papel que uma sociedade de base patriarcal lhes reserva. Todas são mulheres que estão presas aos laços de família e, portanto, dentro de um sistema extremamente engendrado dentro do qual elas, sendo mulheres, têm de ficar confinadas à esfera do lar e assumir o governo da casa, preocupando-se apenas com as prendas domésticas, com os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, com todos os pequenos fatos do dia-a-dia e com a prevenção de qualquer sinal de doença.

Além disso, outra preocupação recorrente entre as irmãs Galhardo é com o casamento, que era visto como a suprema aspiração das mulheres e para o qual elas se preparavam por toda a vida, sendo educadas nas lides domésticas e ensinadas, no caso das mulheres da classe dominante, a brilharem nos salões de bailes onde poderiam encontrar um pretendente que as retirassem do lar paterno e lhes concedessem o trono de rainhas do lar. Dessa forma, vivendo dentro de uma sociedade em que as mulheres eram educadas para se casarem, as filhas de Álvaro não podiam fugir ao seu “destino de fêmea”: “— Se eu não estiver casada antes dos vinte e um anos, eu me emprego no escritório do Rabelo. Ele já disse que eu dou uma ótima secretária” (NABUCO, 1979, p. 28).

Esta fala de Nica torna-se importante porque não só reitera o fato de que, dentro da ideologia patriarcal, o único destino da mulher era o casamento como também nos ajuda a pensar nos papéis que eram destinados às mulheres no espaço público, já que o campo de atuação de muitas delas fora do lar circunscreveu-se “ao de ajudante, assistente, ou seja, a uma função de subordinação a um chefe masculinos em atividades que a colocaram desde sempre à margem de qualquer processo decisório” (RAGO, 1997, p. 65). Por isso, caso não venha a se casar, resta a Nica empregar-se no escritório de Rabelo para exercer o papel de secretária. Ademais, educadas para a domesticidade, as meninas Galhardo são instruídas para serem boas donas de casa, ótimas esposas e graciosas mães, estereótipos femininos construídos conforme a ideologia do patriarcalismo, ou seja, elas “eram mestras na arte de fazer as honras de casa, com gentileza e simplicidade” (NABUCO, 1979, p. 42).

Acrescentemos a isso que, dentro do casamento, cabia ao homem o papel principal enquanto à mulher era destinado o papel de coadjuvante em nome do qual ela deveria deixar de lado os seus sonhos para fazer parte, então, de um enredo que não foi construído para ela nem por ela, isto é, cabia-lhe o papel secundário de auxiliar do esposo:

[Nica] via-se, no futuro que sonhava como esposa feliz de Fernando, às vezes em lugarejos perdidos do interior, onde o mandassem servir. Via-se ao lado dele, vivendo contente num lar muito simples, dentro de um orçamento apertado pelo soldo militar, com que teriam que viver.

[...] o que Nica queria sobretudo, e quase unicamente, era compartilhar da vida de Fernando, fosse qual fosse. Quer ele vencesse, quer não, quer fosse obscuro, quer chegasse, mesmo, a fazer-se um nome brilhante como o de Rabelo, o que ela queria era estar ao seu lado, auxiliando-o (NABUCO, 1979, p. 54-55).

Outra personagem que vislumbra o casamento como único objetivo na vida é Cristina. A mais velha das meninas Galhardo estava de noivado quase marcado quando o seu futuro esposo resolveu viajar para a Europa. A causa dessa viagem imprevista: a futura sogra, Dona Eufrásia, não queria ter uma nora cuja família, em especial o pai, Álvaro Galhardo, se revelaria um entrave para a ascensão social e econômica de seu filho, João Mário:

Dona Eufrásia, a mãe do rapaz, não tinha outra objeção senão Álvaro. Alegava que o filho não teria tão cedo situação para casar, mas isso era apenas pretexto. O que a velha não fazia cerimônia em dizer por fora acabou chegando aos ouvidos da família Galhardo.

– Gosto muito de Cristina, mas não quero que meu filho seja genro de Álvaro Galhardo. No Brasil a gente casa com a família toda, e, para um rapaz no princípio da vida, amarrar-se a um sogro como Álvaro é o mesmo que atirar-se n’água com uma pedra no pescoço (NABUCO, 1979, p. 25-26).

Como a história da cultura ocidental foi consolidada a partir da tradição do saber masculino, cristalizaram-se, em função disso, imagens de mulher segundo essa tradição. Muitas delas são encontradas em algumas obras de nossa literatura e reiteram a submissão, a resignação femininas ou, então, trazem como marcas femininas o sofrimento, a saudade. Dentro dessas imagens, Cristina representa aquela mulher que, passivamente, assume o papel de noiva que sonha eternamente com o regresso do noivo que ela sabe que, possivelmente, não mais voltará para ela:

João Mário, que fora sempre dominado pela mãe, embarcara nessa época para uma viagem à Europa, sem esclarecer o caso com Cristina. Não tinha situação independente e tinha pego apego ao conforto da casa dos pais. Amava Cristina sem arroubos. Voltara de viagem mais afastado ainda da idéia do casamento. Cristina, porém, não mudara. Nunca pensara, e nunca pensaria, em outro. Guardava ainda uma esperança longínqua, uma confiança qualquer, na afeição de João Mário (NABUCO, 1979, p. 26).

Assim como esta sua irmã, Nica também é abandonada por seu namorado e quase futuro marido. Todavia, o motivo do abandono não foi o mesmo de Cristina. Fernando Gaveiro apaixonara-se por Iolanda, a mais bonita das irmãs Galhardo, quando eles se encontraram por acaso num dos passeios à praia, os quais Nica e seu ex-namorado sempre faziam:

De repente Fernando parou, como se estivesse encontrado quem procurava. [...] Fernando confundira-as. Nica sorriu.
De um golpe certo, Fernando atirou a bola leve, que trazia, em cheio contra as costas de Iolanda.
[...] Iolanda voltou-se surpresa, em direção do golpe. Vendo um desconhecido, lançou-lhe um olhar fustigante, como se castigasse uma insolência.
Fernando parou, petrificado, entre confuso pelo que fizera, e deslumbrado pela vista de Iolanda. No mesmo instante, Iolanda reconheceu Amália, ao lado dele, e percebeu o engano. Adivinhou que este era o Fernando Gaveiro, que a tomara por Nica por causa do pijama. Foi ao encontro dele, de mão estendida, sorrindo, gracejando (NABUCO, 1979, p. 58).

Após esse encontro em que um sentimento inusitado passou a existir entre Fernando e Iolanda, a relação dele com Nica tornou-se diferente, pois “se rompera algum fio na trama de seu namoro”, e a conversa entre eles não mais os unia: “as frases esparsas não formavam ponte, e os silêncios, que de vez em quando caíam entre eles, também não eram de comunhão” (NABUCO, 1979, p. 68). Depois de sofrer por ter descoberto que “esse Fernando, que Iolanda amava e por quem se afligia, não era mais dela [...] Não era mais o Fernando das manhãs de dezembro, na praia ensolarada” (NABUCO, 1979, p. 76), Nica decide que “não seria uma tia triste para os filhos de Iolanda e Fernando” (NABUCO, 1979, p. 99). Para tanto, ela resolve que a melhor solução seria encontrar alguém que substituísse o antigo noivo:

Fernando costumava dizer que a vida era uma só. Tinha razão. Ela não ia perder a sua em queixumes. Não era mulher de lamúrias, de ficar parada, olhando para trás. Era uma mulher prática, mulher de ação, uma dessas pessoas que não aceitam a derrota. Faria sua vida. Casaria. Casaria agora com o primeiro que se apresentasse, contanto que não lhe fosse repugnante, e que também não fosse um fraco, como Álvaro (NABUCO, 1979, p. 99).

A rejeição de Nica faz com que esta personagem, em seu discurso, passe a ver o casamento de outro ângulo. Destituído da aura romântica segundo a qual casamento = amor, o casamento é visto como um jogo de interesses. Aceitando as regras desse jogo, Nica passa a escolher um pretendente que lhe traga vantagens matrimoniais:

Nica confiava que o noivado de Iolanda não seria a única novidade [...]. Quanto mais cedo toda a gente soubesse, melhor.

A surpresa seria geral. E todos pensariam o que ela queria que todos pensassem, especialmente Fernando, isto é, que o seu caso com Evaristo já viera quase resolvido de Petrópolis, portanto bem separado do romance de Iolanda, anterior até – um sem ligação nenhuma com o abandono de Fernando, um noivado que passara por fases e progressos graduais, com algumas raízes no passado, não a planta de crescimento súbito, da noite para o dia, que realmente fora para ela (NABUCO, 1979, p. 109).

Entretanto, escolhida a vítima que era Evaristo de Pádua, ministro da indústria, com quem Nica havia flertado algumas vezes, ela se arrepende do jogo que estava fazendo com o sentimento dele, “um sentimento muito digno, e até nobre, porque só um amor desinteressado podia aproximar um homem como ele de uma menina sem fortuna e filha de um pai bastante desmoralizado” (NABUCO, 1979, p. 111). Neste caso, não é o arrependimento de Nica que nos chama a atenção, mas as palavras com que ela elabora esse seu arrependimento, já que, em seu discurso, percebemos a presença de uma ideologia segundo a qual a mulher deveria oferecer bem mais do que si própria ao casamento, ou seja, além de uma família de caráter ilibado, ela deveria ter posses para oferecer como dote, o que ela, Nica, não possuía, já que era “uma menina sem fortuna e filha de um pai bastante desmoralizado”. Neste sentido, as palavras de Nica revelam que a mulher era o local por onde circulavam os bens da família e que, sendo assim, ela deveria saber cumprir o seu dever.

Reconhecendo que o casamento com Evaristo estava sendo movido mais por despeito e que, “quando se visse presa, por uma promessa irrevogável, a este homem que não significava nada para ela, sentiria um imenso vazio” (NABUCO, 1979, p. 113), Nica desiste desse noivo e, surpreendendo a todos, resolve casar-se com Rabelo, o velho amigo da família:

Rabelo continuou, com uma mescla de emoção e humorismo:

— Se alguém disser a você [Álvaro] que Nica casa comigo por despeito ou por interesse, você pode responder que, longe de me queixar, eu sei muito bem que só mesmo por despeito ou por interesse é que uma menina como ela poderia casar comigo, e que eu considero que fiz um negócio da China.

[...] eu não quero mais turismo em minha vida... sou um homem que sempre morou em hotel. Agora quero ter casa (NABUCO, 1979, p. 123).

Os termos com que Rabelo explica a sua união com Nica demonstram bem a visão que se tinha sobre o casamento. Este era visto como algo economicamente vantajoso, ou seja, um verdadeiro negócio da China. Aliás, como afirma Xavier (1998), anterior à ascensão da burguesia, o matrimônio era visto como um contrato de natureza político-sócio-econômica feito, muitas vezes, à revelia das partes “envolvidas” e, portanto, não pressupunha afinidades afetivas, tampouco sexuais. Entretanto, com o advento da burguesia, emerge, dentre outras coisas, o conceito de amor conjugal e, neste caso, casa-se não mais por interesses políticos, econômicos e sociais, mas por interesses do coração.

Parece ser essa a atitude de Nica. Embora o seu casamento possa ser visto como um grande negócio da China, ela não se une a Rabelo por conveniência, mas porque, conhecendo-o de há muito tempo, entre eles confiança gerara intimidade, tanto que Nica se sente atraída por ele: “Mas, afinal, ela sempre sentira uma atração pelo Rabelo. Não era como as outras irmãs, que não seriam, nenhuma delas – Nica tinha certeza disso – capazes de casar com ele” (NABUCO, 1979, p. 117). Sendo assim, acreditamos que vale a pena reproduzirmos as seguintes palavras de Ieda Porchat, as quais podem ilustrar muito bem o comportamento de Nica ante o seu casamento com Rabelo:

Diferentemente do casamento na família patriarcal, sua finalidade não mais é a manutenção de propriedades, bens ou interesses políticos. Casa-se no casamento burguês para satisfazer impulsos afetivos e sexuais. Casa-se por amor e busca-se a felicidade. Casa-se porque se têm interesses e gostos iguais. É um casamento que tem como valores predominantes a escolha do parceiro por amor, a glorificação do amor materno, a visão de mulher como a “rainha do lar” (PORCHAT *apud* XAVIER, 1998, p. 116).

Além disso, o desejo expresso por Rabelo de ter uma casa, pois “eu não quero mais turismo em minha vida... sou um homem que sempre morou em hotel. Agora quero ter casa (NABUCO, 1979, p. 123), é bastante interessante como ponto para reflexão, já que a casa é o espaço da construção do imaginário privado. Nela, as pessoas preservam as suas histórias cotidianas e deixam impressas marcas que revelam relações de saber, poder e prazer no âmbito doméstico.

Em *Chama e cinzas*, a casa aparece, então, como esse espaço onde, em meio aos conflitos familiares, emergem relações de poder que demarcam espaços para o masculino e para o feminino. Como exemplo disso, podemos lembrar o fato de que o romance é dividido em duas partes que trazem em si o nominativo *casa*: a casa de Álvaro e a casa de Rabelo. Em ambas as partes, a casa acha-se modificada por um sintagma preposicionado em cujo núcleo há um substantivo próprio masculino. Neste caso, embora a casa seja, em nosso imaginário, um espaço eminentemente feminino, já que cabe às mulheres, dentro da ideologia do patriarcalismo, cuidar da manutenção e da ordem da casa, esta é vista, assim como as mulheres, como propriedade, posse masculina, ou seja, “a mulher ‘reina’ no lar dentro do privado da casa, delibera sobre as questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância” (ALMEIDA, 1987 *apud* XAVIER, 1998, p. 26).

Sendo assim, apesar de estar, estruturalmente, dividido em duas partes, essa divisão não chega a constituir uma dicotomia, pois essas duas partes não se opõem, ao contrário do título do romance que traz o par antitético chama e cinzas. As duas casas não são, ideologicamente, distintas. Pelo contrário, elas representam uma contiguidade, são unas, constituem, assim, uma única simetria: a casa do macho. E o casamento de Nica é a representação de duas dimensões intrínsecas ao patriarcalismo, ou seja, a passagem da dominação do pai para a dominação do marido. Em outras palavras, Nica está mudando de casa, deixando de ser uma simples filha e se tornando esposa, mas continuará na mesma esfera de dominação que é a do macho, uma vez que “o núcleo do poder patriarcal consistiu, acima de tudo, no poder do pai sobre a filha e no do marido sobre a mulher” (THERBORN, 2006, p. 30).

Entre a passagem da vida de solteira para a de casada, decorrem oito anos. Na segunda parte de *Chama e cinzas*, vemos que tudo mudara para a família Galhardo. O velho casarão do Flamengo dera lugar a um grande edifício. Tia Chiquinha morrera e deixara uma boa herança para as sobrinhas, as quais conseguiram, todas, se casar, inclusive Cristina, que, depois da morte de D. Eufrásia, fora levada ao altar por João Mário, o antigo noivo.

Nessa nova vida, se Nica cumpria antes com os papéis de boa filha, ela agora deverá ser um exemplo de boa esposa e dona de casa, papel com o qual se identificou ao longo dos seus oito anos de casa e pelo qual sentia prazer:

O prazer, porém, que sentia ao ouvir as exclamações de surpresa e de admiração, este não variava. Vinha-lhe o mesmo calorzinho de contentamento ao recolher os comentários. Confirmava-lhe a certeza de que aquele ambiente seu, aquela quadro que a cercava, era de fato excepcional. Também não lhe era desagradável notar que, à admiração de suas visitas, se misturava, alguma vez, um laivozinho de inveja, disfarçado em sorrisos e elogios, e que cada mulher se imaginava no lugar dela, dona de uma casa assim (NABUCO, 1979, p. 127-128).

Nica aceita para si, sem se questionar, o papel de esposa e de dona de casa e se sente feliz, pois esse seu papel era invejado pelas suas amigas que não tinham uma casa como a dela, tampouco um marido que lhe pudesse propiciar certas compensações na vida, principalmente se fosse bem mais velho do que a esposa, como era o caso de Rabelo. Assim, parece que, para compensar a diferença de idade, o homem deveria ter dinheiro suficiente que pudesse custear os caprichos da esposa jovem: “Mas as visitas, voltando para a sala onde conversavam os homens, não deixavam de sentir, sobretudo as moças de sua idade, que havia compensações na vida, e que elas não eram, como Nica, casadas com homens mais idosos” (NABUCO, 1979, p. 128). Nica continua, assim como na casa de Álvaro, exercendo um papel em conformidade com o que delega às mulheres a ideologia patriarcal, ou seja, encontra-se exercendo atividades femininas como preocupar-se com as costureiras ou com os convites enviados às figuras mais importantes da sociedade. Nessas ocasiões ou mesmo em pequenas reuniões feitas na casa de Rabelo, havia demarcados os espaços e os assuntos sobre os quais homens e mulheres poderiam falar:

Quando Nica e suas amigas voltaram para a sala, formaram *em vez de se reunirem ao grupo que fumava, outro grupo, em separado, e começaram a discutir assuntos femininos*. Nica teria preferido ouvir falar sobre a companhia. Procurava, embora estivesse de costas, e não muito próxima do outro grupo, ouvir o que podia da conversa dos homens. Respondia aqui, escutava lá (NABUCO, 1979, p. 129; *itálicos nossos*).

No trecho acima, sintagmas como *assuntos femininos* e *conversa dos homens* apontam para a separação entre as esferas de atuação do masculino e do feminino em meio à sociedade. Ou seja, há assuntos de que as mulheres não podem participar, pois são de homens, e, por isso, elas têm de se contentar em formar um subgrupo e ficar ouvindo os assuntos discutidos pelos homens sem poder participar deles. Sobre este aspecto, Woolf (2004), no início do século passado, escreveu as seguintes palavras:

Mas, nesse ponto, eu já estava exatamente na porta de entrada da própria biblioteca. Devo tê-la aberto, pois instantaneamente emergiu, como um anjo da guarda a barrar o caminho com um agitar de túnica negra, e não de asas brancas, um cavalheiro reprovador, grisalho e gentil, que deplorou em voz baixa, e a fazer-me sinais para que saísse, que as damas só são admitidas na biblioteca acompanhadas por um *fellow* da faculdade ou providas de uma carta de apresentação (WOLF, 2004, p. 12).

Embora haja um intervalo temporal um pouco largo entre essas palavras da escritora de *Orlando* e a publicação do romance *Chama e cinzas*, a situação descrita acima é semelhante à por que passa a personagem Nica, que é obrigada, assim como as demais mulheres do seu grupo, a ficar de fora da conversa dos homens porque é mulher e, sem uma carta de aceite, não poderia fazer parte da discussão sobre a implantação da companhia de mineração e transporte, a M. e T., empresa que seu esposo Rabelo queria implantar no Brasil. Dessa forma, ao logo de toda a trama desta segunda parte do romance, Nica se colocará sempre à margem das discussões da esfera pública, discutindo apenas aquilo que já vem traçado pela sua natureza: desenhar, bordar, cozinhar, arrumar; mas não se metendo nos negócios públicos. Ainda que se preocupe com o rumo dessas discussões que dizem respeito ao desenvolvimento econômico do Brasil, ela estará sempre ocupada com “assuntos femininos”, ou seja, problemas relacionados à esfera privada, ao lar, os quais vão da execução das lides domésticas até a resolução de problemas familiares, alguns dos quais causados por seu próprio pai.

Álvaro, o patriarca da família Galhardo, continua dando dores de cabeça à família, mais precisamente a Nica, já que é a ela que ele sempre recorre quando está em situação bastante difícil de ser resolvida. E Nica, conhecendo a desonestidade de Álvaro, mas temendo “o risco de uma desmoralização pública ou de uma vingança direta” (NABUCO, 1979, p. 149), procurava consertar os descabros do pai:

No fundo, fizesse o pai o que fizesse, ela não podia sentir por ele senão a afeição que lhe tivera desde pequenina, que ele bem merecera a ela e às irmãs, servindo-lhes de pai e mãe, com uma solicitude constante. E, como tantas vezes acontecera, veio a Nica uma conformidade com o que Álvaro era, e que seria sempre, que não podia deixar de ser, até o fim da vida. Perdoou-lhe mais uma vez, como lhe perdoara em tantas outras ocasiões, como sempre também lhe perdoaram as irmãs, e como ele antes disso se fizera perdoar por todos os que lhe queriam bem (NABUCO, 1979, p. 149).

Dentre os problemas familiares para os quais Nica busca solução, o mais difícil seja, talvez, acabar com a animosidade de seu cunhado para com ela e Rabelo. Fernando, preso às suas ideias esquerdistas, reprovava “os gastos suntuários e a vida ostentosa dos Rabelo”. Para Nica, essa atitude dele não passava de resquícios do amor que nutrira por ela ou inveja da vida de luxo que Rabelo pôde lhe propiciar, ao contrário de Fernando, cujo ordenado apertado não podia oferecer o mesmo a Iolanda:

Nunca Iolanda comparava seu padrão de vida com o de Nica. No entanto a diferença de condições havia aparecido, grande, desde o duplo noivado. Faltou

então a Nica a auréola da visível felicidade que embelezava ainda mais Iolanda, mas Iolanda, por outro lado, não tivera presentes como os seus. Admirou, sem sombra de inveja, a barata de esporte que Nica, nos primeiros dias de noivado, ganhou e que aprendeu a guiar em poucas lições, as joias que recebeu, além dos mil desejos realizados pelo Rabelo com[o] a magia dos contos de fada (NABUCO, 1979, p. 139).

Além disso, as diferenças entre as irmãs irão se acentuar não só pelo aspecto econômico, mas também pelos aspectos físico e comportamental. Na primeira parte do romance, quando ambas ainda eram as filhas de Álvaro Galhardo, Nica se apresentava como a irmã menos bonita e Iolanda como a mais bonita, de uma beleza que chegava a encantar todos que se aproximavam dela. Agora casada, Iolanda, ainda que conserve um pouco da beleza de solteira, pois “estava uma linda e tranquila matrona”, já sente as transformações em seu corpo, mas isso não a incomodava, já que “meus dois filhos valem bem os quilos que ganhei” (NABUCO, 1979, p. 138).

Nica, por sua vez, continua sendo nem feia nem bonita. Além disso, enquanto ela goza de uma liberalidade que lhe permite dirigir seu próprio carro ou ir sozinha a eventos sociais, sem a companhia de Rabelo, Iolanda se submete aos caprichos de Fernando e segue o seu papel de esposa submissa, devotada ao lar e aos filhos e incapaz de formular pensamentos próprios:

Iolanda era incapaz de falar três minutos sem introduzir o nome de Fernando. Repetia, com convicção, frases que ele dissera, opiniões que ele externara. Não lhe encontrava defeitos. Não desejava nada na vida além da continuação da felicidade que lhe coubera. Para ela, o universo inteiro limitava-se ao marido e aos filhos. Tudo girava em torno dos seus três entes queridos e da relação que as pessoas ou acontecimentos pudessem ter com eles. Nem lhe ocorreria sentir descontentamento pela modéstia de seu lar, porque Fernando era, por teoria, contra a riqueza e o luxo (NABUCO, 1979, p. 139).

Noutras palavras, Iolanda, por causa do marido, é obrigada a viver uma vida marcada por privações materiais e afetivas e, assim, é impedida de desfrutar de alguns privilégios que Nica, sua irmã abastada e mulher “moderna” e “festiva”, poderia lhe propiciar:

— Desculpe-me se a aborreci demais, Nica. É preciso tomar-me como sou – um homem rude que diz o que pensa. E perdoe-me dizer-lhe ainda outra coisa de que você não vai gostar. Essa joia que você trouxe para Iolanda é bonita demais. Aborrece-me que ela receba presentes como eu não lhe posso dar. Espero que você compreenda meu ponto de vista e não tome essa recusa como sendo falta de apreço pelo presente, ou de amizade por você.

[...]

— Iolanda é submissa demais, disse Nica.

— Demais, não. Iolanda é como dever ser. Só uma esposa submissa e sem modernismo, como ela, poderia ter-me feito feliz.

[...]

— Qual submissa! É porque combinamos bem.

Não. É porque você gosta de mim (NABUCO, 1979, p. 163-164).

O discurso de Fernando está impregnado de ideias que reiteram a ideologia do patriarcalismo. A esposa deve ser fiel a seu marido, não contrariá-lo e seguir as suas ordens e desejos para que ele seja feliz, não importando se a vida que ela leva a torna feliz ou infeliz, já que o importante é fazer o marido feliz, independentemente do preço que a mulher é obrigada a pagar. Por isso, ao ser indagada pelo filho sobre por que, mesmo gostando do presente que recebera de Nica, não o aceitou, a resposta de Iolanda foi: “– Gostei muito, filhinho. São lindos. Mas gostei mais de fazer a vontade de papai” (NABUCO, 1979, p. 165). A fala de Iolanda deixa entrever o pressuposto “de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido” (RAGO, 1997, p. 65).

Talvez a maior diferença entre Iolanda e Nica esteja no fato de uma ser mãe e a outra ter tido esse “direito” negado. A primeira tivera dois filhos, Fernandinho e Maria Iolanda, enquanto que a segunda perdera o seu primogênito assim que ele nasceu e não pôde ter mais nenhum outro filho, pois ficara impossibilitada de engravidar novamente:

Nica não tinha filhos. O menino que ela perdera teria agora seis anos, a idade de Fernandinho. Ela e Iolanda, que casara uns seis meses depois, haviam esperado, juntas, a primeira maternidade. Haviam-se ocupado juntas dos dois enxovaizinhos, e recebido, como presente de Tia Chiquinha, dois berços iguais. Nos planos de Nica, seu primogênito era homem e tinha o talento e o dinamismo de Rabelo. Queria que se chamasse Nestor, como o pai. Apesar de achar muito feio o nome, Nica dizia que ninguém tiraria ao pequeno a glória de ser Nestor Rabelo Filho.

Veio a criança, homem, como esperava, grande e bem constituído, mas morreu ao nascer e, por pouco, a mãe não morreu também. Nica soube depois que nunca teria outro filho (NABUCO, 1979, p. 131).

O desejo de ser mãe e de cumprir com o seu “dever de fêmea”, apesar das impossibilidades biológicas, é concretizado no acompanhamento do crescimento do sobrinho. Fernandinho será para Nica o filho que ela perdeu:

Nica acreditava querê-lo como se fosse o Nestorzinho, com um afeto inteiramente diferente do que sentia pela sua irmãzinha, Maria Iolanda, dois anos mais moça ou pelo gordo bebê de Geninha. Com o passar do tempo chegou a confundi-lo perfeitamente com o filho que não vivera. Não imaginava o Nestorzinho senão igual em tudo ao Fernandinho, desempenado e garboso como ele, e com toda essa vivacidade que fazia o menino de Iolanda antes parecer filho que sobrinho (NABUCO, 1979, p. 132).

Nica devota-se tanto a esse sobrinho que é a ela que Iolanda, a mãe, sempre recorre quando ele adocece, pois “Nica tornou-se entendida em puericultura só de acompanhar os progressos e os sintomas [de Fernandinho] e de lhes procurar as explicações, em vários livros médicos para jovens mães” (NABUCO, 1979, p. 131). Além disso, o nascimento de Fernandinho fez com que Nica estabelecesse uma intimidade no lar de Iolanda e Fernando. Apesar disso, continuava a existir animosidade do pai do menino pelos seus parentes

capitalistas, a qual se torna mais intensa quando Fernando passa a liderar um movimento, dentro das forças armadas, de oposição às concessões feitas pelo governo brasileiro para a implantação da Companhia de Mineração e Transporte de Rabelo:

— Não há dúvida, respondeu Fernando, em tom de quem não se retratava, nem cedia. Seu marido prestou grandes serviços, mas também não se empobreceu prestando-os. E neste negócio de agora, você sabe quanto ele deve ganhar? Você calcula sequer?

[...]

— Há muita gente boa, [...], gente de boa fé que pensa que a enorme extensão de terras que foi concedida a M. e T. para a abertura da estrada, poderia ser aproveitada pelo próprio governo. É um lucro seguro de que o governo abre mão em favor de particulares, uma verdadeira capitania que é dada à M. e T., de mão beijada, como os Reis de Portugal davam aqui a seus amigos. Desculpe eu falar com essa franqueza, mas eu julgo que esconder a verdade aos amigos seja o pior modo de servi-los (NABUCO, 1979, p. 160).

Acreditando que a empresa de mineração pode prestar um desserviço à segurança nacional, Fernando se articula com uns amigos para pedirem ao Ministro da Guerra a anulação da concorrência. Inconformado com o fracasso dessa reunião, Fernando se oferece para proferir uma conferência na Sociedade Brasileira de Debates sobre a organização da empresa metalúrgica em solo brasileiro. Se antes as oposições de Fernando não poderiam surtir efeito contra a M. e T., agora, falando em um espaço público como o da Sociedade Brasileira de Debates, uma de cujas grandes vitórias foi obrigar uma companhia de seguros a “rever seus estatutos e a reduzir seus lucros em favor dos segurados” (NABUCO, 1979, p. 180), elas iriam criar “um escândalo, um escândalo que seria ao mesmo tempo de família e financeiro” (NABUCO, 1979, p. 181).

Inamovível em sua posição, Fernando, para quem “crenças e opiniões não se governam por parentesco” (NABUCO, 1979, p. 184), poderia trazer “grandes aborrecimentos e muita luta pela frente” adiando e, talvez, chegando a conseguir anular o contrato de concessão. Isso fez acentuar ainda mais as rugas familiares entre Fernando/ Iolanda e Rabelo/Nica, principalmente porque Rabelo sabe que não tem mais tempo para esperar que negócios daquela magnitude demorassem a acontecer, pois ele não tem mais idade para isso, está velho e cansado, e o futuro tornou-se-lhe mais imprevisível:

— Quando eu era mais moço, continuou Rabelo, eu não me incomodava com atrasos, porque podia esperar. Eles vinham sempre – atrasos, dificuldades, empecilhos. Eu dizia: “Se eu não fizer agora, faço mais tarde. Não desisto.” Sempre tive muita paciência. Mas agora, na idade a que cheguei, não posso mais contar com o tempo. É um fator de menos que eu tenho do meu lado. Se isso não se fizer agora, não poderei mais fazer, e eu sempre disse que a instalação da metalúrgica no Brasil seria o último esforço de minha carreira (NABUCO, 1979, p. 191).

No entanto, a maior preocupação de Rabelo é que, não sendo implantada a companhia, ele perderia toda a sua fortuna e, assim, deixaria Nica na miséria. Ao saber dessa preocupação, Nica “vexou-se de reconhecer, no fundo de si mesma, uma grande apego a esta vida de conforto e ostentação que levava desde seu casamento” (NABUCO, 1979, p. 193) e passou a sentir repugnância por aquela vida, como se sua casa “que, nos menores detalhes, desde a escolha da decoração e dos arranjos, lhe deram tanto prazer, montar, governar, conservar, enfeitar, se tornasse subitamente velha” (NABUCO, 1979, p. 194). Diante da falência iminente, Nica, todavia, viu que “não lhe custaria deixar soçobrar esta riqueza supérflua e trocar seu papel de mulher parasita, ociosa, por outro, em que seria uma mulher de trabalho” (NABUCO, 1979, p. 196). A atitude dessa personagem apresentada pelo narrador é importante porque nos apresenta uma dicotomia interessante: mulher de casa X mulher de trabalho. Segundo o que nos apresenta o narrador, a primeira é vista como ociosa enquanto a outra é valorizada uma vez que faz parte do mercado de trabalho.

Dessa forma, no discurso do narrador, ser dona de casa é visto como um predicado menor para as mulheres. A abnegação que muitas delas “devotam” ao lar, ao marido e aos filhos, ou seja, às pequenas “bagatelas” domésticas, é considerado algo muito desvalorizado. Dedicar-se ao lar, assumir o posto de rainha e anjo do lar sempre foi visto como algo negativo não só porque é uma espécie de tortura, uma rotina interminável que, a cada dia, é recomeçada, mas também porque não propicia às mulheres *status* social. Essa é, então, uma instância de poder marcadamente insatisfatória para as mulheres. Essa insatisfação advém, talvez, do fato de que, apesar da complexidade que envolve o processo de cuidar da casa, dos filhos e do marido, essa atividade não só, conforme dissemos, não propicia às mulheres nem riqueza nem prestígio social, como também o controle que elas exercem dentro da esfera familiar é mediado pelo controle que o marido ou o pai, chefe do grupo familiar, exerce sobre elas. Por isso, Woolf (2004, p. 26) indagava: “O que estavam fazendo nossas mães que não tiveram nenhuma riqueza para nos legar? Empoando o nariz? Olhando as vitrinas das lojas?”.

Voltando à atitude de Fernando, que desencadeara toda a tensão por que Nica e Rabelo estavam passando, ela era vista por ela e por Álvaro como um dos piores defeitos: a deslealdade. Entretanto, os laços de família, aos quais Fernando se dizia indiferente, fizeram com que o seu posicionamento fosse revogado, o que aconteceu quando, adoecendo Fernandinho, que fora acometido por uma infecção laríngea aguda, ele fora salvo pelos cuidados de Nica: ela não só lhe adivinhou, devido ao hábito de ler, depois do nascimento do sobrinho, livros de medicina infantil, a causa da doença, chamada de crupe; como também trouxe um médico para administrar o tratamento. Dessa forma, destruindo o texto de sua conferência, isto é, dando fim ele mesmo ao projeto a que tanto se apegara, Fernando não só se sente quite com a cunhada como também se torna aos olhos dela um homem decente que deixou os laços familiares falarem mais alto: “Fora ele mesmo quem se deixara vencer, cedendo aos laços de família. Nica estendeu-lhe a mão em agradecimento. Nunca imaginara este final. Fernando, então, no fundo, era um homem decente” (NABUCO, 1979, p. 211).

Para Manoel Carlos, novelista brasileiro, o capítulo que retrata a doença de Fernandinho é um dos mais magistrais:

a doença de Fernandinho, filho de Fernando e Iolanda, nos aflige de tal maneira, com tanta força nos atinge e nos entenece, que chegamos a suspender a leitura por um instante, a recobrar o ar, tão angustiados ficamos. Trata-se de uma das madrugadas mais pungentes que um romance conseguiu retratar: o desespero mudo da mãe, a solidão do pai, a vigília da tia, a humanidade do médico, o olhar real do menino doente. Simplesmente magistral.

Esse evento se revela também um elemento importante não só porque nos põe, como leitor, irmanados com o desespero dos pais e da tia diante do possível risco de morte do filho/sobrinho; mas também porque, do ponto de vista estrutural, ele desencadeará novos rumos para o enredo do romance, uma vez que, conforme já dito anteriormente, Fernando, antes indiferente aos laços de família, deixa-se ceder por eles: “Fernandinho está vivo e eu me julgo obrigado a fazer isso, eu devo isso a você por tudo que passamos nesta noite horrível” (NABUCO, 1979, p. 211), e rasga as folhas da conferência proferida contra a concessão feita a Rabelo para a implantação da empresa metalúrgica M. e T..

Mais uma vez, os problemas ou incidentes que poderiam causar a vergonha ou a dissolução dos laços familiares são resolvidos por Nica. Entretanto, mal findado um desses problemas, outro logo se avizinha. “A vitória de Rabelo já era questão de dias, a concessão um caso resolvido. [...] Parecia que não restava ninguém no Brasil que deixasse de compreender as vantagens que a Companhia de Transporte e Mineração ia trazer para o país” (NABUCO, 1979, p. 227). Só que Rabelo, que apresentava uma fisionomia que “acusava o esforço desses lances finais da grande luta” e que já pressentira que estava chegando a sua hora, sofre um enfarte antes do jantar que seria oferecido na embaixada americana em homenagem a um banqueiro americano e ao qual ele não poderia faltar, já que a sua ausência poderia comprometer o decreto de concessão para a implantação da Companhia de Transportes e Mineração. Para impedir isso, Rabelo faz um último pedido a Nica: ir ao jantar sem a presença dele.

Diante desse pedido inusitado, Nica, que queria estar acompanhando o marido moribundo, reluta em obedecer, mas ela “sofria dobradamente dessa hesitação por ser uma mulher que sabia sempre o que devia fazer em todas as circunstâncias, e não costumava conhecer hesitação” (NABUCO, 1979, p. 249). Por isso, essa situação para Nica se torna mais dramática, pois ela está dividida entre prestar assistência ao marido ou ir ao jantar para evitar que desconfiem do estado grave de Rabelo. Mas a situação se torna ainda mais dramática, pois, diante da morte iminente do marido, Nica vê a sua vida passada a limpo e se arrepende do “tempo perdido em coisas inúteis, e que a privavam da companhia de Rabelo – em costureiras, em cabeleireiras, em relações sem interesse” (NABUCO, 1979, p. 253).

A percepção dessa sua condição feminina lhe traz “um gosto que lhe parecia de cinzas” (NABUCO, 1979, p. 258). Nica vê, agora, que as chama que marcaram a sua juventude, que mantiveram em pé aquele mundo representado por sonhos e construído por futilidades, cessaram, reduziram-se a cinzas. Tudo, agora, passava a pertencer “a outra vida, a uma vida que passara”. Noutras palavras, é possível afirmar que, diante dessa situação, a esfera (da vida) privada não só se revela como um espaço de poder (ou seria apenas da presença?) feminino, mas também como *locus* de alienação das mulheres.

Devotadas à execução de atividades pré-determinadas, bordar, cozinhar, desenhar, as mulheres eram impedidas de refletirem sobre seu papel de coadjuvante, eram incapazes de assumir a direção de suas vidas e de se perceber como um grupo social oprimido. A falta dessa tomada de consciência contribuiu para o encarceramento da mulher da intimidade do lar. Com a morte de Rabelo, a vida de Nica, que vinha seguindo a ordem natural das coisas, isto é, cumprindo o papel sagrado de filha, esposa e dona de casa, sofre, portanto, uma grande transformação, e ela se vê obrigada a se queimar em sua própria chama, já que, como afirma Nietzsche, não podemos nos renovar sem primeiro nos tornarmos cinzas:

Sentia-se realmente desligada do mundo, e de tudo a que [...] ela já dera muita [importância]. Repudiava agora aquilo a que antes dava valor. Dessa vida que ardera e já passara, não via mais senão as cinzas, que restavam do fulgor, e que se estendiam diante dela, sem nenhum traçado, submergindo o que fora seu universo (NABUCO, 1979, p. 264).

Mesmo assim, em meio às cinzas desse mundo que um dia fora chama, que tivera fulgor, Nica alimenta a esperança de um novo começo, já que ela “via, pela janela, que o dia estava claro e bonito” (NABUCO, 1979, p. 264).

Considerações finais

Escrito em 1947, *Chama e cinzas* comunga do ideal de feminilidade que dessexualizava a mulher e valorizava a associação romântica do feminino com a esfera do mundo privado. Assim como em *A sucessora*, primeiro romance de Carolina Nabuco, *Chama e cinzas* traz à tona determinados preconceitos que estão na base de uma sociedade tradicional e patriarcal e que reiteram uma representação simbólica da mulher como esposa-mãe-dona-de-casa. Essa representação valoriza como qualidades femininas a beleza e a submissão espontânea ao marido. Por isso, o estudo desse romance torna-se importante se queremos estudar a ficcionalização das relações entre os sexos na família e na sociedade.

No âmbito familiar, a família Galhardo, típica representante do modelo nuclear, tem demarcados espaços para cada um de seus membros. Álvaro, apesar dos descalabros econômicos, exerce o papel de provedor do lar. As suas filhas, educadas na mais fina educação para a domesticidade, exercem, primeiro, o papel de boas filhas, obedientes ao pai, aceitando as máculas provocadas por ele no caráter e na imagem da família. Depois, em segundo lugar, as filhas de Álvaro aceitam o seu “destino de fêmea”, exercendo a contento o papel de esposa-mãe-dona-de-casa.

No âmbito social, ou melhor, no que diz respeito à esfera pública, o romance em tela traz em si as marcas que revelam a nítida separação entre o espaço feminino e o espaço masculino. Ou seja, enquanto os homens discutiam assuntos de interesse nacional (como, por exemplo, a implantação da companhia metalúrgica no Brasil), as mulheres eram obrigadas a não participar dessas discussões, pois elas já tinham os assuntos com os quais deviam se preocupar: bordar, cozer, costurar, desenhar.

Apesar de a dicotomia entre o privado e o público estar presente em *Chama e cinzas*,

o que percebemos é o registro de práticas de uma socialidade mais íntima, isto é, há uma valorização do interior doméstico, tanto que é na intimidade do lar que as decisões sobre questões do espaço público são debatidas e firmadas. Além disso, o privado é, neste romance, apresentado como sinônimo de felicidade. Nesse sentido, há uma valorização da família, de tal forma que não respeitar os laços familiares é apresentado como a mais alta deslealdade.

Por outro lado, *Chama e cinzas*, conforme já dito, traz também a diferenciação dos papéis sociais estabelecendo uma oposição entre homens (públicos) e mulheres (domésticas). Esse, talvez, seja um dos traços mais nítidos deste romance, pois o seu enredo irá mostrar que não é só no espaço público que pesa a mão do pai ou do marido, enfim, do macho. Pelo contrário, embora seja vista como da alçada das mulheres, a esfera privada não pertence integralmente a elas, pois os poderes do pai também são domésticos (PERROT, 2006).

Como exemplo disso, não basta citar apenas o fato de as personagens femininas do referido romance viverem sob a tutela do pai (como é o caso na primeira parte) ou do marido (isso já na segunda parte), é preciso não esquecer também a própria divisão do romance em duas partes que trazem em torno do nominativo *casa* nomes masculinos: a casa de Álvaro e a casa de Rabelo. *Chama e cinzas* reitera, portanto, o poder do pai. É a figura paterna, seja Álvaro, seja Fernando ou até mesmo Rabelo, que detém o controle da casa, da família, como se estivesse reivindicando o primado do pai ao reiterar, subliminarmente, a seguinte ideia: “o doméstico é importante demais para ser deixado à natureza fraca das mulheres” (PERROT, 2006, p. 125). Neste sentido, *Chama e cinzas* pode ser visto como um romance que, embora tenha como núcleo dramas familiares, registra, sobretudo, os modos de agir, viver, sentir e amar de mulheres que estão sob o jugo patriarcal.

Então, vivendo num espaço extremamente marcado pela dominação masculina, o que restava às mulheres? Parece que uma resposta óbvia seja: entregar-se a assuntos e atividades femininas. Essas ocupações, vistas, geralmente, como desprovidas de valor, se revelarão como elementos importantes para reflexão sobre a condição e a identidade femininas dentro de uma sociedade patriarcal. Em primeiro lugar, dedicar-se a essas atividades era uma forma de compensar a si próprias por viverem num ambiente inteiramente dominado pela presença e opressão masculinas. Por isso, as mulheres entregavam-se aos passeios e à ostentação, no caso de personagens como Nica, cujo marido dispunha de dinheiro para manter-lhe o luxo ostensivo e perpetuar a etiqueta social. Já a personagens como Iolanda, que viviam limitadas ao orçamento apertado do marido, restava conformar-se em fazer felizes o seu esposo e família, cumprindo com os seus deveres de mulher zelando pela saúde e harmonia do lar.

Em segundo lugar, as lides domésticas atuaram, em alguns casos, como elementos que permitiram às mulheres perceberem quão perniciosa era a opressão que sofriam e, assim, pudessem questionar a identidade normatizada que lhes havia sido imposta. Novamente é a personagem Nica que questiona essa identidade fixa ao perceber, ao final do romance, que devotara toda a sua vida a futilidades e que isso a impedira de refletir sobre si mesma. Nica questiona, portanto, os valores sobre os quais, até então, ela havia erigido sua vida, que fora devotada às lides domésticas e à presença em acontecimentos sociais. Ou seja, no final do romance, logo após a morte de Rabelo, Nica se dá conta da opressão sob a qual vivera e sobre

a qual ela, distraída com as prendas e afazeres domésticos, não conseguia pensar a partir de um ponto de vista crítico. A preocupação com a casa e o cuidado com a família a impediram de descobrir a sua condição de mulher desobrigada de qualquer trabalho produtivo.

É interessante refletir sobre o momento em que Nica se apercebe de sua condição de mulher inferior cuja vida não fora devotada a nenhum projeto que não fosse o de trazer benefício ao marido e ao lar, ou seja, toda a sua vida foi direcionada ao bem-estar masculino. Ora, essa tomada de consciência se deu justamente diante da morte iminente de Rabelo, o marido de Nica. Essa morte pode assumir uma proporção simbólica, pois representa a morte, o fim de laços que mantinham Nica presa a toda uma vida calcada em uma ideologia que a mantinha presa ao lar e aos cuidados da família, entregue ao luxo e às futilidades. Neste caso, podemos inferir que esta personagem percebe a esfera privada não só como uma espécie de exílio a que esteve “voluntariamente” presa, mas principalmente como um lugar de aprendizagem não apenas das prendas domésticas, mas, sobretudo, de consciência de si mesma, de sua condição de mulher, o que vem acompanhado de um gosto amargo, um gosto de cinzas.

SILVA, M. M. From the Fahter’s House to the Husband’s: Women and Social Space in Carolina Nabuco. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 10, n. 1, p. 205-228, 2018. ISSN: 2177-3807

Referências

ARAÚJO, F. S.; SCHNEIDER, L. A escrita de Conceição Evaristo e a mulher negra como protagonista em “Ana Davenga”. In: SCHNEIDER, L.; MACHADO, C. *Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006. p. 153 – 166.

CARVALHO, C. Fadário de predestinada, destino de mulher – uma leitura de *Celeste*, de Maria Benedita Bormann (Délia). In: CUNHA, H. P. (Org.). *Desafiando o cânone: ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. v. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711 - 2001)*. São Paulo: Editora Escrituras, 2002.

FUNCK, S. B. Da questão da mulher à questão de gênero. In: _____. *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

HOLLANDA, H. B. Introdução. Feminismo em tempos pós-modernos. In: ____ (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 07–19.

_____. *Oito décadas – memórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NABUCO, C. *Chama e cinzas*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

PERROT, M. (Org). Introdução. In: _____. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil: 1890 –1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SCHNEIDER, L. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, M.; NEIS, I. A. *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. *Dicionário de mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SILVA, M. M. *Em busca de uma cidadania literária: o caso Carolina Nabuco*. II Colóquio Cidadania Cultural: Diversidade Cultural, Linguagens e Identidades. 24 a 26 de outubro de 2007. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco, 2007a.

_____. *Carolina Nabuco: primeiros passos de um resgate*. XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOOL : Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. 09, 10 e 11 de outubro de 2007. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007b.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 401–442.

THERBORN, G. O patriarcado: saídas de cena e desfechos. In: _____. *Sexo e poder – a família no mundo: 1900-2000*. Trad. Elisabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2004.

XAVIER, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

Recebido em: 17 jan. 2018

Aceito em: 28 mar. 2018